
Telejornalismo e legitimação da morte: os impactos da edição na cobertura dos 500 mil mortos pela pandemia no *Jornal da Record* e no *Jornal da Manhã (Jovem Pan)*¹

Jhonatan MATA (UFJF)²
Caio Ferreira SILVA (UFJF)³
Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Este artigo analisa e compara a cobertura das 500 mil mortes por covid-19 no Brasil feita pelo Jornal da Record, e pelo Jornal da Manhã, principais telejornais à época da análise, das emissoras Rede Record TV e TV Jovem Pan. Buscamos entender como essas emissoras noticiaram o fato, bem como sua política editorial em relação à crítica, ou não, da condução da pandemia por parte do governo federal. Para isso nos ancoramos na metodologia de análise denominada Análise da Materialidade Audiovisual. Através dela definimos três eixos de análise que guiaram nossa pesquisa, são eles: 1-O papel da edição no anúncio das 500 mil mortes: formas e recursos de edição audiovisual e textual para informar o marco; 2-Paradigma Indiciário (BRAGA, 2008): O papel do não dito na construção de sentidos e posicionamentos das emissoras.

Palavras-chave

Telejornalismo; Pandemia; covid-19; Jovem Pan; Record

Introdução

O Brasil atingiu, em 19 de junho de 2021, 500 mil mortes oficiais em função da pandemia de Covid-19, declarada em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde. Durante os momentos mais críticos da pandemia, um confronto discursivo,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Telejornalismo do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutor em Comunicação (UFRJ). Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora -PPGCom-UFJF. Jornalista, Mestre em Comunicação e TAE- UFJF. Vice-coordenador do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA), afiliado à TELEJor- Rede de Pesquisadores em Telejornalismo. E-mail: jhonatanmata@yahoo.com.br

³ Jornalista, Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e integrante do grupo de pesquisa Núcleo de Jornalismo e Audiovisual da Faculdade de Comunicação da UFJF. E-mail: caioffs84@gmail.com

incentivado pelo governo federal, permeou as discussões sobre as medidas de contenção e sobre os tratamentos da doença. De um lado, o governo, seguido de uma parcela da população e dos veículos de mídia, defendiam um discurso de que a economia deveria vir em primeiro lugar, desincentivando o isolamento social, e insistindo na utilização de medicamentos “milagrosos” para o tratamento da covid 19, mesmo sem comprovações científicas. De outro, estavam as medidas de isolamento e precauções sugeridas pela Organização Mundial da Saúde, e pela maioria dos órgãos de saúde brasileiros, bem como o incentivo à vacinação como principal mecanismo para frear o avanço da doença. O resultado em alguns meios de comunicação visto em seus sintomas mais severos no audiovisual e, sobretudo, no telejornalismo, foi “um clamor intermitente para que os comunicados sobre número de mortes e letalidade da doença anunciados em tela fossem minorados ou substituídos pelos anúncios de números de curados e também por produções mais “otimistas” (Mata, 2021, p.377), num flerte com as softnews, que incluíssem ou não a temática da pandemia. Por outro lado, outros veículos assumiram uma postura contrária ao discurso do governo federal, e assumiram um viés crítico à forma como o governo federal vinha conduzindo a pandemia no Brasil. Prova disso foi o Consórcio dos veículos de imprensa, criado para conferir visibilidade e transparência em relação ao impacto da doença e também do número de vacinados, uma vez que, da parte do Governo, o que tínhamos era ocultação de dados e delays significativos na divulgação de boletins. Esse consórcio de veículos fazia suas próprias contagens, buscando os dados diretamente com as secretarias de saúde municipais e estaduais, e foi fundamental para a divulgação de dados da pandemia no Brasil.

Reportagem publicada pelo El País, em 15 de abril de 2021, intitulada “Inação e desinformação do Governo Bolsonaro agravam a pandemia no Brasil” traz, a partir de estudo publicado pela revista Science e pela ONG Médicos Sem Fronteiras, análise que destaca que a gestão do governo brasileiro causou mortes evitáveis e agravou a epidemia no país.

A resposta [do Governo] federal [ao vírus] tem sido uma combinação perigosa de inação e negligências, incluindo a promoção da cloroquina como tratamento apesar da falta de evidências científicas”, conforme descreveu nesta quarta-feira na Science a equipe liderada da pesquisadora brasileira Marcia Castro, da Escola de Saúde Pública da Universidade de Harvard. A equipe afirma que “nenhuma narrativa sozinha explica a propagação do vírus” no Brasil, mas cita expressamente a influência da politização no grau de adesão às recomendações básicas. (GORTÁZAR, 2021)

Entendendo a importância que a TV aberta desempenha no Brasil, e, mais especificamente, o papel do telejornalismo em poder atuar como antídoto para um contexto marcado pela circulação frenética da desinformação, nossa proposta visa mapear e comparar potenciais e limitações dos noticiários, a partir da cobertura do anúncio das 500 mil mortes pelo Jornal da Record e pelo Jornal da Manhã, da Jovem Pan, em 19/06/2021. Escolhemos esses dois telejornais por se tratarem de produções de emissoras que se declaravam favoráveis ao governo e à condução da pandemia feita por eles. O Jornal Jovem Pan, atualmente o principal da emissora, entrou no ar no dia 27 de outubro de 2021, até então, o Jornal da Manhã era considerado pela empresa como o seu principal telejornal. Por esse motivo, ele foi o escolhido para realizarmos a comparação com a edição da mesma data do Jornal da Record, principal telejornal da Rede Record.

Telejornalismo em tempos de redes

Situamos a relevância de nossa pesquisa ao considerar que, na contemporaneidade, “o telejornalismo mantém sua importância central no Brasil como forma de acesso a informações sobre o país; suas narrativas sobre fatos e acontecimentos permeiam interações sociais, realizam construções imagéticas hegemônicas, (é) ditam o Brasil” (COUTINHO et al, 2018, p.87). Mesmo em um contexto de expansão do acesso à internet, as emissoras de TV continuam sendo agentes importantes de divulgação e produção de informação e sentidos, não só da forma tradicional, por meio dos aparelhos televisores, mas também através da recirculação desses conteúdos em meios digitais, seja na íntegra, ou em recortes.

Na contemporaneidade o telejornalismo mantém sua importância central no Brasil como forma de acesso a informações sobre o país; suas narrativas sobre fatos e acontecimentos permeiam interações sociais, realizam construções imagéticas hegemônicas, (é)ditam o Brasil (COUTINHO *et al*, 2018, p. 87)

Para Pereira (2020, p.15), a TV continua sendo importante e relevante não apenas na produção e reprodução de conteúdos, principalmente para quem está desconectado da Internet, como também as emissoras se colocam no ambiente web

como autoridades e legitimadoras de informações, ocupando certo protagonismo também no ambiente de redes. Entendendo essa importância que os telejornais ainda exercem no acesso à informação no país, voltamos nosso olhar para o papel da edição no maior telejornal da TV aberta do país.

Entendendo a importância que a TV aberta ainda desempenha no Brasil, e mais especificamente, o papel que o telejornalismo ainda exerce na disseminação de informação no país, estudar o telejornalismo continua a ser relevante tanto do ponto de vista do acesso, já que a TV ainda é a principal tela em que a população consome para obter informações, sejam elas de âmbito local a global (COUTINHO *et al*, 2018).

Com base nas informações anteriores, podemos compreender que os telejornais ainda são um importante meio de informação para os brasileiros e cumprem uma função pública em um país marcado pela desigualdade no acesso aos bens de consumo e também a direitos essenciais como educação, saúde e segurança. A recente presença de emissoras, que mesmo não tendo uma concessão na chamada TV aberta transmitem seus sinais de forma gratuita pela internet, também se soma a esses estudos, como é o caso da CNN Brasil e Jovem Pan.

Análise da Materialidade audiovisual

Para a confecção do trabalho, nos ancoramos na metodologia de análise da materialidade audiovisual (COUTINHO,2016; 2018) para compreender o impacto da edição audiovisual na construção de sentidos de um telejornal. Também pretendemos entender como esses telejornais se posicionaram em relação à responsabilização ou não, do governo pelos impactos da pandemia, tendo como objeto principal a cobertura do marco de 100 mil mortos.

Para realizar este estudo, optamos pelo referido método, desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa NJA (Núcleo de Jornalismo e Audiovisual), que permite avaliar o objeto com base nos conceitos escolhidos para a realização deste estudo. Esta metodologia permite entender o audiovisual como um todo: imagem+som+enquadramento+edição+tempo de forma que todos esses elementos são

considerados na hora de fazer o estudo. A autora Iluska Coutinho (2018, p.192) apresenta o processo de análise

1) identificação do objeto audiovisual (e suas propostas); 2) emolduração e elaboração da ficha de análise; 3) pré-teste do instrumento; 4) pesquisa documental/definição e obtenção da amostra a ser investigada; 5) construção de parâmetros de interpretação dados e, em casos eventuais, de uma material codificação. (COUTINHO, 2018, p.192)

Num momento inicial, recorreremos à pesquisa documental para localizar a edição do *Jornal da Manhã* e do *Jornal da Record*, do dia 19 de junho de 2021, data em que o Brasil atingiu o número de 500 mil mortos pela pandemia de covid-19. Para isso recorreu-se à plataforma YouTube, onde ambas emissoras divulgam os vídeos integrais de seu principal telejornal. Definimos então dois eixos de análise que nortearam a nossa pesquisa:

1- O papel da edição no anúncio das 500 mil mortes: formas e recursos de edição audiovisual e textual para informar o marco;

2- Paradigma Indiciário: O papel do não dito na construção de sentidos e posicionamentos das emissoras;

Para a execução da análise das edições dos telejornais, optamos por primeiro descrever os materiais audiovisuais, e posteriormente destrinchar cada um dos eixos definidos na metodologia. Iniciamos com o *Jornal da manhã*.

Jornal da Manhã (Jovem Pan)

No caso da emissora Jovem Pan, optamos por analisar o dia seguinte ao marco das 500 mil mortes, já que na edição do dia 19 de junho de 2021, que entrou no ar às 9 horas da manhã pelo horário de Brasília, os números da pandemia ainda não tinham sido divulgados pelo ministério da saúde, fonte utilizada pelo telejornal, diferente de outras emissoras que compunham o consórcio de veículos de imprensa.

Na escalada da edição do dia 20 de junho de 2021, a primeira manchete noticiada foi o marco das 500 mil vidas perdidas pela covid-19, atingido no dia anterior, com o seguinte texto: “ Brasil passa do meio milhão de mortes por covid-19. Desde o

início da pandemia foram 500 mil e 800 vidas perdidas, de acordo com dados do Ministério de Saúde, nas últimas 24 horas, foram registrados 2301 óbitos pela doença.” (JORNAL DA MANHÃ, 2021.) Durante a fala, a imagem de um paciente em um leito de hospital sendo atendido por profissionais da saúde é exibida em tela cheia. Em seguida a há uma troca de câmera e de apresentador, que continua o texto: “O Brasil se tornou, neste sábado, o segundo país do mundo a superar as 500 mil mortes por covid. Estamos atrás apenas dos Estados Unidos, que passou dos 600 mil óbitos pela doença.” (JORNAL DA MANHÃ, 2021.)

A escalada continua com os destaques da edição, que logo em seguida fala sobre os atos que aconteceram no dia contra o governo de Jair Bolsonaro, que segundo o texto lido pelos apresentadores, tinham como principais pautas o Impeachment do então presidente, mais vacinas contra a covid-19 e a volta do auxílio emergencial, que naquele momento estava suspenso.

A manchete seguinte fala sobre um pedido do Ministério Público para que Bolsonaro fosse multado por antecipar a campanha eleitoral de 2022 em um evento no Pará, onde o então presidente se apresentou com uma camiseta que fazia referência à sua reeleição no ano seguinte. Uma manchete sobre a CPI da pandemia, em curso na época, foi o próximo tema da escalada. O texto dizia quais seriam as próximas pessoas ouvidas pela CPI, todas suspeitas de integrar o chamado “Gabinete paralelo da saúde”. Os nomes citados foram do ex -ministro da cidadania, já fora do cargo na época, Osmar Terra, e Felipe Martins, ex assessor internacional da presidência. A notícia seguinte foi sobre a médica, Nise Yamaguchi, que estava também entre as investigadas pela CPI por ser uma das conselheiras do presidente que defendia o uso da hidroxicloroquina como tratamento contra a covid-19, mesmo com evidências científicas da ineficácia do medicamento para tal fim. A manchete dizia que a médica estava processando senadores que a interrogaram durante a pandemia por danos morais, pedindo 320 mil reais de indenização. A notícia reforça que a médica afirmou ter sido vítima de humilhação e misoginia durante a sessão.

Em seguida os apresentadores seguem com mais uma manchete da escalada, agora sobre um documento divulgado pelo governo federal com um balanço dos 900 dias de governo com o seguinte texto: “Em balanço dos 900 dias de Bolsonaro, governo

celebra doses aplicadas e retomada da economia. O documento cita a autorização para a abertura de leitos de UTI e aumento no número de empregos com carteira assinada.”

A próxima manchete dizia que três estados, Rio de Janeiro, Sergipe e Roraima, ainda não haviam se adequado à Lei de responsabilidade fiscal, regra que, entre outros itens, proibia que gastos com servidores aposentados e inativos do legislativo, judiciário e ministério público fossem computados como despesas do poder executivo. A notícia seguinte dizia que o “conservador Ebrahim Raisi foi eleito presidente o irã com quase 62% dos votos” embora tenha sido a eleição com menor índice de participação.” (JORNAL DA MANHÃ, 2021.) Na sequência, uma manchete sobre a validação por parte do supremo de uma lei que permite a tramitação prioritária das conclusões de CPIs. Antes da lei, o que a constituição dizia era que as conclusões deveriam ser enviadas para o Ministério Público para eventuais responsabilizações civis ou criminais. A escalada se encerra com as notícias da seção de esporte.

Para atingir os objetivos desta pesquisa, optamos por analisar com mais profundidade apenas as matérias que tratam diretamente sobre a pandemia de covid-19 e seus desdobramentos, identificando os recursos de edição utilizados para a construção de sentido das reportagens e do telejornal como um todo.

Após a escalada, o jornal se inicia com a previsão do tempo, e logo em seguida apresenta um giro sobre as manifestações contrárias ao governo de Jair Bolsonaro. A matéria diz que mais de 750 mil pessoas saíram às ruas por todo país para se manifestar, e que essas manifestações foram pacíficas. O texto lido pela repórter diz que as manifestações pediam por vacinas no braço e comida no prato, além de exigirem a manutenção do auxílio emergencial de 600 reais. Críticas à defesa da cloroquina também foram apresentadas na matéria, com um texto que dizia: “Em São Paulo, muitas pessoas ainda criticaram o aumento da fome e do desemprego no país, e a defesa da Cloroquina, feita pelo presidente, remédio comprovadamente ineficaz contra a covid”.(JORNAL DA MANHÃ, 2021.) A reportagem segue com depoimentos de manifestantes explicando os motivos pelos quais estavam na manifestação. Uma das manifestantes, apresentada como professora e artista, disse: “Por muito pouco uma presidente da república caiu, por muito pouco, e ai a gente tá assim é todo dia, esse cara vai ficar até quando? Meio milhão, meio milhão (de mortos pela covid).”(JORNAL DA

MANHÃ, 2021.) A reportagem finaliza dizendo que essa foi a 2ª manifestação do ano contra o governo de Jair Bolsonaro.

Como fim da matéria, voltamos ao estúdio com a apresentadora, que chama um segundo repórter para trazer informações específicas sobre os atos no Rio de Janeiro. O repórter explica os principais pontos defendidos pelos manifestantes, entre eles a crítica à política do governo federal para a área da saúde e gestão da pandemia. Em seguida o mesmo repórter chama novamente a sonora da professora e artista já apresentada na matéria anterior e descrita por nós anteriormente. O repórter finaliza dizendo que a grande maioria dos manifestantes estavam de máscara, e respeitaram o distanciamento e as orientações passadas pela organização do ato em relação aos cuidados com a pandemia.

Na volta para o estúdio, o apresentador traz o seguinte texto: “Pois é, e o triste dado que nós não gostaríamos de dar, mas que é real. O Brasil chegou a marca de 500 mil mortos pela covid-19. Destaque da repórter Carolina Belin.” (JORNAL DA MANHÃ, 2021.) Em seguida se inicia uma nota coberta na qual a repórter reafirma o dado de mais de 500 mil mortes pela pandemia no país, acrescentando a informação de que a média de mortos estava crescendo e que já passava de dois mil mortos por dia. Enquanto a repórter falava uma imagem de drone, de um plano geral, mostrava dezenas de covas abertas e vazias. A imagem então muda para um quarto de hospital em que pacientes estão sendo atendidos, no texto, a repórter diz que em abril daquele mesmo ano, o país passou pelo pior momento da doença, com uma média diária de mais de três mil mortes. As imagens seguem apresentando cenas de um hospital, e a repórter reforça a informação da escalada de que o Brasil é o segundo com o maior número de mortes, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e a nota se encerra.

Em seguida, de volta para o estúdio, a apresentadora diz que a marca de 500 mil mortes gerou reações de autoridades e políticos nas redes sociais. Então entra no ar mais uma nota seca, mostrando as imagens de publicações feitas em redes sociais enquanto a repórter narra em off trechos desses pronunciamentos. A primeira publicação apresentada é a de Marcelo Queiroga, na época ministro da saúde. A repórter destaca que o então ministro lamenta o número, presta solidariedade às famílias das vítimas, e diz “trabalhar incansavelmente para vacinar o maior número de brasileiros no menor tempo possível. Em seguida, é apresentado o pronunciamento do então ministro das

comunicações, Fábio Faria com destaque em off para o seguinte trecho “você verão políticos, artistas e jornalistas lamentando o número de 500 mil mortos. Nunca os verão comemorar os 86 milhões de doses aplicadas ou os 18 milhões de curados.” (JORNAL DA MANHÃ, 2021.) A próxima publicação apresentada é do então governador do Maranhão, Flávio Dino, com destaque dizendo que ele decretou luto oficial de três dias no estado. O próximo é João Dória, então governador de São Paulo, com destaque para o trecho “os óbitos aconteceram por causa do descaso e pela falta de vacina.” (JORNAL DA MANHÃ, 2021.) A repórter apresenta então o pronunciamento de Eduardo Paes, então prefeito do Rio de Janeiro e do então senador e relator da CPI da Covid-19, Renan Calheiros. No primeiro, o destaque foi para um trecho em que o então prefeito afirmava o seu compromisso de trabalhar para superar o momento, no segundo o destaque foi para a crítica do então senador, feita ao presidente da época, dizendo que “Bolsonaro dividiu o país entre Cloroquina e Vacina” (JORNAL DA MANHÃ, 2021.). A nota se encerra com os destaques do pronunciamento de Randolfe Rodrigues, então senador pelo Amapá, que disse que lutava por vacinas na CPI para que não houvesse mais choro.

De volta para o estúdio, o apresentador chama a próxima matéria, uma nota coberta sobre uma nota divulgada pela casa civil com um balanço dos 900 dias de governo Bolsonaro, atingidos na data em questão. No restante da edição, não tem mais citações aos números da pandemia no Brasil.

JORNAL DA RECORD

Acessamos a íntegra do Jornal da Record através do Youtube, e percebemos que o arquivo se inicia com uma vinheta e logo segue para a primeira matéria do Jornal.. A edição apresenta uma matéria da editoria de segurança pública, sem citar os números da covid.

Depois desta reportagem, de volta ao estúdio, os apresentadores chamam os destaques do dia na escalada. A primeira manchete também é da editoria de segurança pública, apresentando as atualizações do caso de Lázaro Barbosa, um assassino em série que estava foragido na época. Na segunda manchete é que o marco das 500 mil mortes pela pandemia é apresentado com o texto: “Brasil ultrapassa a marca de 500 mil mortes por covid-19” (JORNAL DA RECORD, 2021.). Em seguida a chamada é para o

balanço divulgado pela casa civil com o balanço dos 900 dias de governo Bolsonaro, com destaque para o ponto de retomada da economia citada no documento. A próxima manchete chama para uma reportagem sobre o turismo vacinal, dizendo que “brasileiros elegem o México como base para se imunizar nos Estados Unidos”(JORNAL DA RECORD, 2021.).

Após a escalada, uma chamada dos patrocinadores do Jornal é apresentada, seguida da vinheta. Já na bancada, a apresentadora chama a reportagem sobre as buscas pelo assassino em série Lázaro Barbosa. Em seguida, os apresentadores anunciam uma matéria sobre a vacinação no país, dizendo que o sábado foi de mutirões para acelerar a vacinação contra a covid-19.

A matéria apresenta imagens das filas e de pessoas se vacinando, com um tom positivo, e com sonoras de entrevistados ressaltando a importância da vacinação e a alegria por receber uma dose da vacina.

De volta ao estúdio, o apresentador faz uma chamada para a próxima reportagem, com o seguinte texto:

“E um estudo mostra que a vacinação em massa contra a covid-19 já evitou mais de 40 mil mortes de idosos no Brasil. O resultado mostra que houve uma queda progressiva das mortes à medida que a vacinação avançou entre as pessoas com mais de 70 anos”. (JORNAL DA RECORD, 2021.)

Em seguida, uma matéria se inicia, em tom positivo, com uma entrevista com uma idosa, que fala sobre a ansiedade que teve para tomar a segunda dose da vacina, e que após imunizada, se sentia mais tranquila. A matéria segue apresentando dados de estudos que comprovam os resultados positivos da vacinação em massa contra a covid. Dizendo que a imunização estava conseguindo diminuir o número de mortes diárias causadas pelo coronavírus.

De volta ao estúdio, os apresentadores chamam uma reportagem sobre a proibição de festas juninas na Bahia, e o receio de que aglomerações aconteçam mesmo com a proibição. A próxima matéria é sobre o aumento do número de acidentes com

queimaduras, causadas principalmente pelo mau uso do Álcool 70% e do Álcool em gel, seguida de uma reportagem sobre o aumento na utilização e nas vendas de bicicletas.

Na volta da reportagem, a apresentadora diz que “O Jornal da Record traz agora os números da pandemia, segundo o Ministério da Saúde.” (JORNAL DA RECORD, 2021.) Ela apresenta o número de casos comprovados de covid, seguido do número de mortes.

“E hoje o Brasil ultrapassou a marca de 500 mil mortos pela doença, nós lamentamos cada uma dessas mortes, cada uma dessas vítimas e torcemos para que as vacinas cheguem o mais rapidamente possível a todos os brasileiros.” (JORNAL DA RECORD, 2021.)

Em seguida, ela apresenta o número de mortos nas últimas 24 horas, e o número de recuperados da doença, também nas últimas 24 horas, e no total, contando todo o tempo de pandemia no país. Ela também apresenta o número total de pacientes infectados em acompanhamento no Brasil. A apresentadora termina de apresentar os números e apresenta o pronunciamento do então Ministro da Saúde Marcelo Queiroga

“Em uma rede social, o ministro da saúde lamentou as vidas perdidas na pandemia e disse que trabalha para vacinar todos os brasileiros no menor tempo possível, para mudar o cenário que assola o Brasil a mais de um ano”. (JORNAL DA RECORD, 2021.)

Na sequência uma matéria sobre o turismo vacinal é apresentada, mostrando brasileiros que vão até o México para fazer uma quarentena, entrar nos Estados Unidos e se vacinar como turistas, já que o país permitia esse tipo de vacinação à época.

No decorrer do jornal, reportagens de outras editorias são apresentadas, assim como matérias sobre a situação da pandemia e da vacinação em outros países. O Jornal também faz um giro sobre as manifestações contrárias ao governo de Jair Bolsonaro pelo Brasil, focando principalmente nas depredações ocorridas durante os atos.

O papel da edição no anúncio das 500 mil mortes: formas e recursos de edição audiovisual e textual para informar o marco.

Embora na descrição do telejornal tenhamos optado por narrar outras notícias relacionadas à pandemia, para agregar em nossa análise, nesse momento da análise e aplicação da metodologia, o nosso foco será nas notícias específicas sobre o número de mortos pela covid-19, tema central deste artigo.

No caso do Jornal da manhã, na escalada percebemos que foram utilizadas imagens de cobertura enquanto as manchetes eram narradas. A imagem escolhida para cobrir a notícia das 500 mil vidas perdidas pela pandemia foi a de um leito de UTI, com profissionais de saúde, paramentados com roupas especiais, entubando um paciente, que aparece com o rosto borrado via recursos de edição. Existe um corte da câmera nas imagens, trocando o ângulo de visão enquanto o procedimento acontece. Embora cenas como essa, naquele momento, fossem comuns de aparecer nos telejornais, a cena não deixa de chocar a quem assiste, principalmente em um momento em que ser internado e entubado em um leito de UTI, significava estar no estágio mais grave da doença. A manchete seguinte, dizia que o Brasil era o segundo país com maior número de óbitos decorrente da pandemia de covid-19, e as imagens que cobriram a fala também eram de pessoas internadas em leitos de hospital, mas sem mostrar nenhum procedimento específico. Durante toda a escalada um mesmo fundo musical padrão permaneceu durante todas as notícias, o que mostra que a única distinção existente entre as manchetes, era a ordem em que eram apresentadas.

A edição do telejornal optou por não dar um destaque maior ao número de mortes alcançadas pelo país em decorrência da pandemia, prova disso é que após a escalada, a primeira seção apresentada é a previsão do tempo, seguida de reportagens sobre as manifestações contrárias ao governo de Jair Bolsonaro, que aconteciam naquele dia. A matéria sobre as 500 mil mortes, então, é exibida como o terceiro tema do bloco, e se apresenta no formato de uma nota coberta, em que há uma narração da repórter com imagens de cobertura, sem sonoras, entrevistas ou utilização de fundos musicais. Com 46 segundos de duração, a nota apresenta apenas 5 trocas de imagens, iniciando com uma imagem de plano geral de covas abertas, e seguida por imagens com planos médio e detalhe, de pacientes em hospitais. No texto, a repórter chama atenção para o fato de que aquele não era o momento mais grave da pandemia no país, e que o número de

mortes estava em queda, e finaliza afirmando que o Brasil era o segundo em números de mortes, informação que já havia sido dada na chamada da matéria pelos apresentadores. Com isso percebemos que não houve um esforço por parte do telejornal de explicar o porquê desses altos números, não apresentaram análises de especialistas e nem mesmo entrevistas com familiares de vítimas, ou pessoas curadas do vírus.

A próxima matéria exibida pelo telejornal também se trata de uma nota coberta, em que declarações de autoridades e políticos nas redes sociais são apresentadas com registros de tela dessas publicações e um texto em off na voz de uma repórter que relata os principais pontos da declaração. Nesse momento percebe-se um esforço por parte da edição de colocar pessoas ligadas e favoráveis ao governo, e pessoas contrárias, como nos casos dos então governadores, Flávio Dino e João Dória, e dos Senadores Renan Calheiros e Randolfe Rodrigues.

Partindo agora para a edição do Jornal da Record, logo no início já percebemos uma política editorial que valoriza mais as notícias referentes à segurança pública do que o marco de 500 mil mortos pela covid-19 no país. Essa afirmação comprova ao perceber que o telejornal se inicia com uma reportagem desta editoria, e que, posteriormente, ao apresentar a escalada, a primeira manchete também é referente ao tema, sendo a manchete sobre o marco de mortes causadas pela pandemia a segunda da escalada. Um fundo musical está presente durante todas as manchetes. Após os destaques, a reportagem apresentada é da editoria de segurança pública, seguida por uma matéria sobre a vacinação no país, com tom positivo e de incentivo à vacinação, entrevistando personagens que estavam se vacinando, ou que já haviam sido vacinados, sem citar em nenhum momento as mortes causadas pela covid. O telejornal optou por não fazer nenhuma reportagem ou nota sobre o marco das 500 mil mortes de covid-19, apresentando esses números apenas na escalada, e no bloco que diariamente apresentava os números da pandemia no país. Ainda assim o foco maior foi colocado no número de pessoas recuperadas e em tratamento da covid-19. Ao final da apresentação dos números, a apresentadora cita o pronunciamento do então ministro da saúde Marcelo Queiroga.

Percebemos então que no caso do Jornal da Record, foi até difícil para analisarmos os recursos de edição utilizados para informar as mortes geradas pela pandemia, já que eles optaram por dar o menor destaque possível para este marco,

apenas citando esses números, como faziam habitualmente nas demais edições do telejornal.

Paradigma Indiciário: O papel do não dito na construção de sentidos e posicionamentos das emissoras

Optamos por nos ancorar na metodologia do paradigma indiciário para nos auxiliar a trazer questões referentes ao que não foi dito pelas edições dos telejornais analisados, e partir daí discutir sobre partidarização dos canais de tv no Brasil, tema do nosso próximo eixo de análise. De acordo com Braga (2008), a Comunicação é uma disciplina indiciária por natureza, investigando índices que levantam questões sobre o corpus estudado. As perguntas de pesquisa surgem a partir dos dados e são usadas para fazer inferências, ao invés do inverso. A análise indiciária se desenvolve como um processo interativo e dinâmico, onde os dados, índices visuais, questões formuladas e objetivos de pesquisa interagem constantemente.

Segundo Braga (2008), o paradigma indiciário enriquece as pesquisas em Comunicação ao promover estratégias cruciais, como estudar casos singulares e identificar indícios ligados a fenômenos menos evidentes. Este paradigma capacita os pesquisadores a fazer inferências gerais a partir de dados empíricos singulares, em vez de considerar os dados como índices diretos. No entanto, ao aplicar o paradigma à Comunicação, Braga (2008) observa riscos de dispersão e abordagens superficiais, onde os estudos de caso podem apenas confirmar teorias preexistentes. Ele enfatiza a necessidade de análises que vão além da descrição, produzindo inferências e buscando indícios menos óbvios por meio da interação entre estudos de caso comunicacionais e o paradigma indiciário. Essa integração, segundo Braga, contribui para um modelo epistemológico ajustado às demandas da área.

Optamos então por trazer para a análise mais um telejornal que cobriu o tema das 500 mil mortes na mesma data, no caso, o Jornal Nacional, da TV Globo. Justificamos essa escolha pelo fato de ser o maior telejornal que, na época, compunham o consórcio dos veículos de imprensa, já citado neste artigo. Partimos do pressuposto, que por se um integrante desse consórcio, que se opôs ao governo, no momento em que o Ministério da Saúde passou a não divulgar os números completos da pandemia, encontraríamos na sua cobertura um destaque maior para o alarmante número de 500

mil mortes pela pandemia e a partir dessa comparação, teríamos mais condições de falar sobre o que o não dito, no Jornal da Record e no Jornal da manhã, dizia sobre suas políticas editoriais. Achamos importante colocar que, com isso, não temos o objetivo de dizer que uma cobertura foi melhor que a outra, e sim entender o que a escolha de cada telejornal dizia sobre suas políticas empresariais.

E edição do Jornal Nacional, da TV Globo da mesma data, se inicia com um texto lido pelos 2 apresentadores, com tom sério e sem a utilização de fundos musicais, que diz que naquela data a pandemia havia “matado meio milhão de brasileiros” e continua:

“ Autoridades e políticos lamentam e criticam a demora do governo federal para comprar vacinas, a falta de coordenação nacional no plano de imunização, as apostas em remédios sem nenhuma eficácia comprovada contra a covid, os exemplos negativos do presidente da república no desprezo as medidas sanitárias e o governo divulga uma lista de realizações em 900 dias de mandato. Milhares de manifestantes voltam às ruas em todas as capitais e no distrito federal para protestar pedindo o impeachment do presidente Jair Bolsonaro, e para defender a ciência, as vacinas e o uso de máscaras.” (JORNAL NACIONAL, 2021.)

Logo em seguida, os apresentadores seguem com os demais destaques da edição, agora com a presença de um fundo musical. Na volta da escada, imagens são apresentadas, com um fundo musical fúnebre. Se tratam de fotografias em que existem pessoas borradas, indicando que estão mortas, e outras nítidas. Entre uma imagem e outra, números aparecem na tela, o primeiro de 100 mil, e segue sucessivamente até aparecer os dizeres “500 mil Ausências”. O Jornal segue com suas matérias, e paramos aqui a nossa análise, por não ser este um objeto deste artigo, mas que já nos auxilia a seguir com o eixo.

Comparando as três edições, percebemos que os telejornais da TV Jovem Pan e Record TV, optaram por dar pouco destaque para o marco de 500 mil mortes por covid-19 no Brasil, em um momento em que a gestão da pandemia no Brasil era criticada pela imprensa de diversos países do mundo, e também por boa parte da imprensa brasileira. Se compararmos a edição do Jornal da Record com a do Jornal da Manhã, percebemos que o primeiro deu ainda menos destaque ao fato, citando os

números apenas na escalada e no quadro diário em que os números da pandemia eram revelados.

Conclusão

Optamos por incluir o paradigma indiciário na pesquisa quando percebemos que os dois telejornais analisados inicialmente, optaram por não dar tanto destaque ao marco das 500 mil mortes por covid-19 no país, mesmo este sendo amplamente noticiado por grande parte da mídia nacional e internacional. Considerando que a Record TV e A TV Jovem Pan eram emissoras que, frequentemente, se demonstraram favoráveis ao governo de Jair Bolsonaro, seja por declarações de nomes importantes das emissoras, seja pelos conteúdos veiculados em outros programas das empresas, concluímos que essa escolha foi feita por conta de uma linha editorial que visava evitar as críticas à condução da pandemia por parte do governo federal. Fato que também pode ser inferido por conta da escolha dessas duas empresas, de não compor o consórcio de veículos de imprensa, e divulgar os dados apresentados pelo governo, bem como a escolha de dar ênfase ao número de curados e de pessoas em tratamento, em detrimento do número de mortes. Também destacamos a importância dos recursos de edição audiovisual na construção da informação, que se colocaram como um eixo de análise importante para o estudo de produtos audiovisuais, capazes de moldar a informação transmitida, tanto quando os recursos textuais.

Referências

JORNAL DA RECORD. *Jornal da Record*, íntegra 19/06/2021. [Rio de Janeiro]: Record, 2021a. 33min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nxtpeudqwDU&ab_channel=JornaldaRecord. Acesso em: 10 jul. 2023.

JORNAL DA MANHÃ. *Jornal da Manhã*, íntegra 19/06/2021 [São Paulo, SP]: Jovem Pan, 2021a. 45min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PGvHlhv0Piw&ab_channel=JovemPanNews. Acesso em: 12 mar. 2023.

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual, São Paulo, *Anais* do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro**: a estrutura narrativa das notícias em TV. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

COUTINHO, Iluska. Da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In: **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**.

DOMINGUES DA SILVA, Juliano. Concentração de Mídia versus Princípios Democráticos? Mensurando e Comparando Diversidade de Mídia. São Paulo, SP. **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2016.

EMERIM, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (Org.). **Coleção Jornalismo Audiovisual**. V7. Florianópolis: Insular, 2018.

GORTÁZAR, N. **Inação e desinformação do Governo Bolsonaro agravam a pandemia no Brasil**, 15 de abril de 2021. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-04-16/inacao-e-desinformacao-do-governo-bolsonaro-agravam-a-pandemia-no-brasil.html>

MATA, Jhonatan. A vida virou uma *live*: reflexões sobre o conceito de amadorismo e transmissão ao vivo a partir das lives musicais num contexto de pandemia. In: ROCHA, Adriano Medeiros da; LAIA, Evandro José Medeiros (Org.). **Audiovisual revolucionário**. São Paulo: Editora dos Frades, 2021, pp.367-400.

MEDEIROS, Evandro; LINHALIS, Lara. O intempestivo na televisão: miudezas e torções na cobertura de protestos entre junhos. In: ROCHA, Adriano Medeiros da; LAIA, Evandro José Medeiros (Org.). **Audiovisual revolucionário**. São Paulo: Editora dos Frades, 2021, pp. 341-366.

MARQUETTO, Cristine. A Comunicação como Mercadoria: uma Discussão sobre o Mercado da Mídia e a Democracia. Curitiba. **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2017.

PEREIRA, Gustavo Teixeira de Faria. **Novas Telas para o Telejornalismo**: o conflito entre o quarto e quinto estado/poder e a expansão do conteúdo para além das localidades Gustavo Teixeira de Faria Pereira, 2020. 116 f.